

**COORDENAÇÃO MOTORA DE PRATICANTES DE FUTEBOL:
UM ESTUDO COMPARATIVO ENTRE LOCAIS DE PRÁTICA**Layla Maria Campos Aburachid¹, Schelyne Ribas¹, Vanderson Silva de Souza¹, Gabriella Nelli Monteiro^{2,4}
Tatiane Mazzardo³, Willian José Bordin da Silva^{2,4}**RESUMO**

O objetivo do estudo foi comparar o nível de coordenação motora com bola de praticantes de futebol de distintos locais de prática, considerando o tempo de prática e a experiência competitiva. Avaliou-se 24 meninos (9 de escolinhas franquizadas e 15 de associação de bairro) com idade entre 10 e 12 anos. O instrumento de medida utilizado foi o Teste de Coordenação Motora com Bola. Entre os resultados, não foi evidenciado diferença estatisticamente significativa dos escores para o tempo de prática na modalidade e para a experiência competitiva. Os praticantes de futebol da associação de bairro obtiveram melhor nível coordenativo na habilidade de transportar a bola com pé ($p=0,031$) e com mão ($p=0,003$). Por outro lado, os praticantes da escolinha de futebol franquizada obtiveram melhor nível coordenativo na habilidade de condução da bola na linha ($p=0,006$). Conclui-se que o tempo de prática no futebol, assim como a experiência competitiva não foram fatores determinantes para obtenção de maiores escores nas tarefas da coordenação motora com bola e, que nos distintos locais de prática ora a habilidade de transportar a bola ora a condução na linha sobressaíram para a associação de bairro e para a escolinha franqueada, respectivamente, o que indica a necessidade de avaliação da capacidade coordenativa com bola como indicar do desenvolvimento das habilidades esportivas.

Palavras-chave: Coordenação Motora. Futebol. Crianças.

ABSTRACT

Motor coordination of football players: a comparative study between locations of practice

The aim of the study was to compare the level of motor coordination with the ball of football players from different practice locations, considering the time of practice and the competitive experience. Twenty-four boys were evaluated (9 of franchised schools and 15 of neighborhood associations) aged 10 to 12 years. The measurement instrument used was the Motor Coordination Test with Ball. Among the results, there was no statistically significant difference in the scores for the time of practice in the modality and for the competitive experience. The football practitioners of the neighborhood association obtained a better level of coordination in the ability to transport the ball with foot ($p=0,031$) and by hand ($p=0,003$). On the other hand, the franchised football school practitioners obtained a better coordinating level in the ability to conduct the ball on the line ($p=0,006$). It was concluded that the time of practice in football, as well as the competitive experience were not determining factors to obtain higher scores in the tasks of motor coordination with ball and, that in the different practice locations, sometimes the ability to transport the ball and sometimes conduction on the line stood out for the neighborhood association and the franchised school, respectively, which indicates the need to assess the coordination capacity with the ball as an indication of the development of sports skills.

Key words: Motor Coordination. Football. Children.

1 - Universidade Federal de Mato Grosso, Cuiabá, Brasil.

2 - Faculdade Centro Mato-grossense, Sorriso, Brasil.

3 - Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, Brasil.

4 - Prefeitura Municipal de Sorriso, Sorriso, Brasil.

E-mail dos autores:

laylabur@hotmail.com

schelys@hotmail.com

vanderson_018@hotmail.com

GNM_cba@hotmail.com

tatimazzardo@hotmail.com

willian_bordim@hotmail.com

INTRODUÇÃO

A coordenação motora possibilita aos atletas a capacidade de realizar as ações tático-técnicas com maior eficácia nos jogos esportivos coletivos (JEC).

Para obter êxito no jogo, algumas capacidades são requisitadas, sendo elas: cognitivas, que se relacionam ao processo de percepção e tomada de decisão, físicas, relacionadas as capacidades de força e resistência e as motoras, que estabelecem relação com as habilidades técnico-coordenativas (Vogt, Sartori, Noll, 2011).

No contexto nacional, o futebol é a modalidade esportiva mais praticada como primeiro esporte, com 59,8% (Brasil, 2015). Este primeiro contato ocorre pela popularidade e difusão cultural do esporte, além da elevada oferta de espaços para a prática em diferentes lugares, como: escolas, clubes, ruas ou em casas (Freire, 2006).

Por meio da prática nos diferentes contextos, a criança paulatinamente amplia seu repertório motor e melhora a execução das suas habilidades motoras específicas realizadas nas modalidades esportivas (Gallahue, Ozmun, Goodway, 2013, Hoeboer e Colaboradores, 2016).

Neste sentido, durante o processo de formação de atletas de futebol, deve-se considerar o desenvolvimento dessas habilidades para dar suporte ao aprendizado da técnica, assim como da tomada de decisão durante a realização da tática específica no jogo (Costa e colaboradores, 2010; Borges, Avelar, Rinaldi, 2015).

Na última década, as investigações em futebol têm levantado informações referentes a várias capacidades do rendimento e áreas, como fisiologia (Silva, Souto, Oliveira, 2008), biomecânica (Silva, Ribeiro, Venâncio, 2010), capacidades físicas (Zanini e colaboradores, 2020), métodos de treinamento (Borin e colaboradores, 2011), desempenho técnico (Soares e colaboradores, 2015), desempenho tático (Silva e colaboradores, 2013; Silva e colaboradores, 2018; Praça e colaboradores, 2018), nível coordenativo (Neto e colaboradores, 2010; Aburachid e colaboradores, 2015), entre outras.

A coordenação motora com bola também tem sido ponto de interesse nas investigações de estudos na modalidade de futsal junto a seus praticantes crianças e jovens, utilizando-se dos instrumentos PACB:1

e Tecobol (Soares e colaboradores, 2016; Pereira de Castro e colaboradores, 2017), e nas pesquisas com jovens praticantes na modalidade de voleibol (Holfmam, Fonseca, 2017), fazendo uso do instrumento Tecobol no desempenho coordenativo com bola de escolares (Silva, Zampier, 2018).

No entanto, não foram encontrados estudos comparativos sobre o nível da coordenação motora com bola de crianças em diferentes locais de prática de futebol, utilizando-se instrumentos que permitam mensurar especificamente o referido construto com bola.

Desse modo, torna-se relevante a realização de um estudo que explicita o nível de coordenação motora com bola de crianças praticantes de futebol, visto a importância da mensuração e avaliação deste construto para o planejamento e desenvolvimento do processo de ensino-aprendizagem-treinamento no contexto esportivo, além de contribuir para novas pesquisas na formação de atletas da modalidade.

Assim, o objetivo do presente estudo foi comparar o nível de coordenação motora com bola de praticantes de futebol de distintos locais de prática, considerando o tempo de prática e a experiência competitiva.

MATERIAS E MÉTODOS

Amostra

A amostra compôs-se de 24 crianças do sexo masculino matriculados em escolinha franquiada de um clube participante do campeonato brasileiro (n=9) e associação de bairro (n=15) com idade entre de 10 a 12 anos (10,87±0,79). A amostra foi determinada de maneira não-probabilística por conveniência (Pires e colaboradores, 2006) devido a especificação esportiva, local de prática e faixa etária.

Para participação na pesquisa, os responsáveis legais assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e as crianças, o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE), os quais indicavam o objetivo do estudo, os procedimentos de coleta e demais informações éticas da pesquisa. Os sujeitos foram informados que a participação seria voluntária e que eles poderiam desistir da pesquisa a qualquer momento.

Respeitando as normas estabelecidas pelo Conselho Nacional em Saúde, o projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em

Pesquisa - COEP - da Universidade Federal de Mato Grosso, parecer nº4.057.436.

Instrumentos

O instrumento eleito para a coleta de dados foi o Teste de Coordenação Motora com Bola (TCMB) (Ribas e colaboradores, 2020), que permite identificar dificuldades específicas na coordenação motora com bola por meio de quatro tarefas (figura 1), realizadas com mão/pé dos lados direito e/ou esquerdo do corpo, que solicita habilidades motoras fundamentais comuns na prática de esportes coletivos de invasão (quicar, conduzir, chutar, arremessar, lançar e receber), sob a influência de diferentes combinações das exigências coordenativas de pressão (tempo, precisão, sequência, simultaneidade, variabilidade e carga) (Kroger, Roth, 2002).

Além do teste, os voluntários preencheram questões demográficas para complementação do estudo, referente ao local de prática (escolinha franquada e associação de bairro), tempo de prática e participação ou não em competições no futebol.

Procedimentos

Após o recebimento dos termos de consentimento livre e esclarecido (TCLE) e dos termos de assentimento livre e esclarecidos (TALE) devidamente assinados, os avaliados responderam às questões demográficas inseridas nas fichas de avaliação individuais.

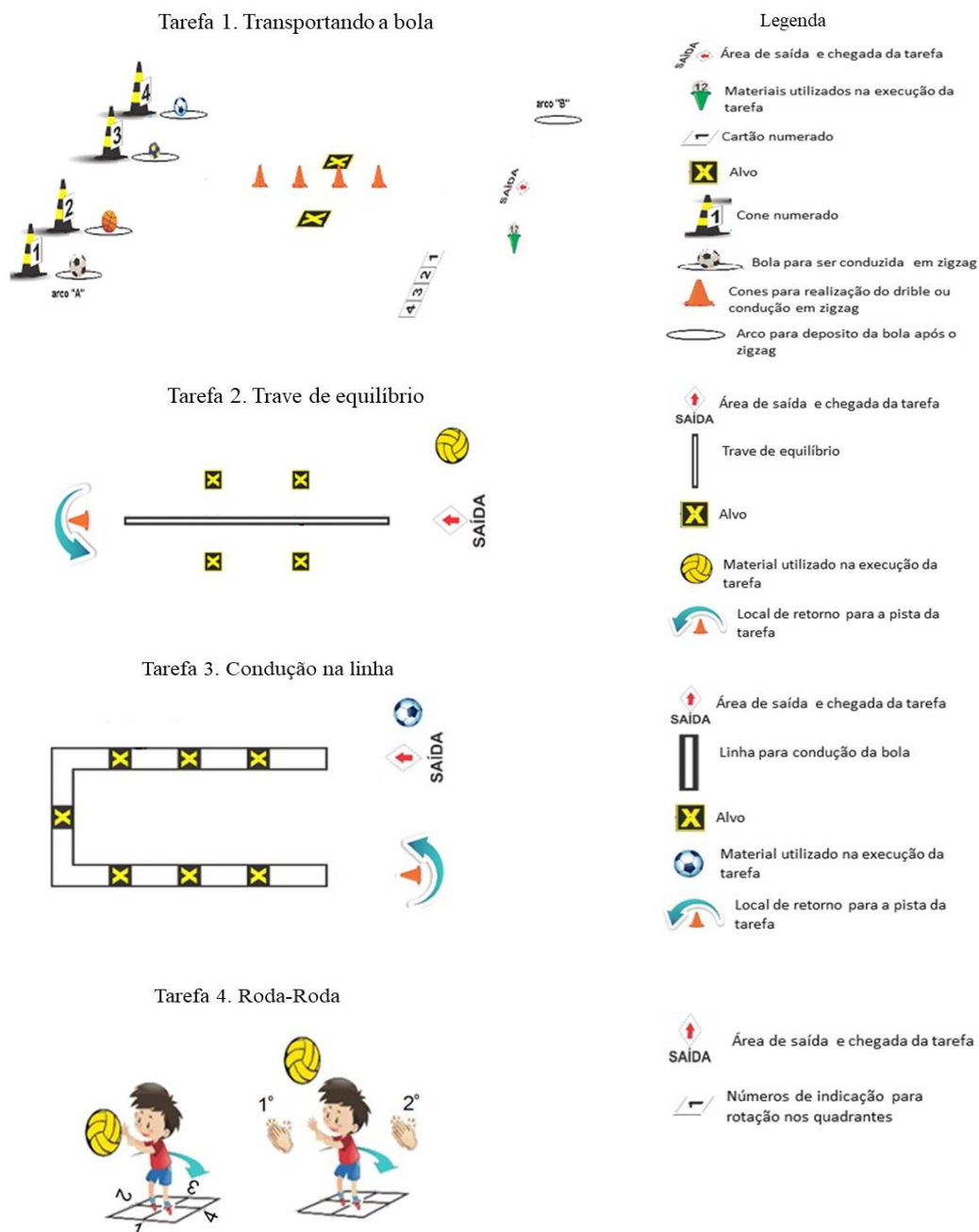
Em seguida, eles foram distribuídos e direcionados para as quatro tarefas, onde um pesquisador colaborar os aguardava para a testagem. À medida que encerravam uma tarefa eram direcionados à outra, passando assim por cada estação. Anteriormente a avaliação da coordenação motora com bola, todos os participantes receberam instrução verbal e demonstração sobre a execução das tarefas. Cada participante realizou a tarefa por duas vezes, computando-se o melhor escore obtido.

Todas as coletas ocorreram durante uma sessão de treino em uma quadra poliesportiva ao lado do campo de futebol das escolinhas.

Análise estatística

Verificou-se a normalidade dos dados, por meio do teste Shapiro-Wilk, para em seguida proceder às comparações do nível de coordenação motora, considerando o local de prática (escolinha franquada e associação de bairro), tempo de prática e participação em competições.

Os dados apresentam-se de maneira descritiva (frequência absoluta e relativa, média e desvio padrão) e inferencial: Teste do Sinal para análise da proporcionalidade entre os dois grupos e o Testes t Student para comparação entre eles. Todos os dados foram analisados com o auxílio dos Softwares SPSS 20® e o nível de significância adotado foi de 0,05.

**Figura 1-** Representações das tarefas do Teste de coordenação motora com bola (TCMB).**RESULTADOS**

Ao considerar a diferença do número amostral, vale ressaltar que o teste do sinal

não identificou disparidade do número de sujeitos entre os grupos ($p=0,221$).

Em relação aos dados coletados nas questões demográficas caracterizou-se a amostra de acordo com a tabela 1.

Tabela 1 - Caracterização da amostra.

	Classificação	f	%
Local de prática	Escolinha franquizada	9	37,5
	Associação de bairro	15	62,2
Tempo de prática no futebol	Até 3 anos e 11 meses	14	58,3
	4 anos em diante	10	41,6
Participação em competições	Sim	16	66,6
	Nenhuma	8	33,3
	Karatê	3	12,5
Outras modalidades esportivas praticadas	Voleibol	1	4,2
	Capoeira	1	4,2
	Futsal	1	4,2
	Nenhuma	17	70,8
Tempo de prática em outras modalidades	Até 1 ano e 11 meses	3	12,6
	Até 2 anos e 11 meses	3	12,5
	Até 4 anos	1	4,2
	Nenhuma	17	70,8

O quantitativo de 10 crianças (41,6%) com tempo de prática de quatro anos ou mais chama a atenção, pois ao considerar a faixa etária, compreende-se que os sujeitos iniciaram precocemente na modalidade.

Ressalta-se ainda que 17 das 24 crianças (70,8%) não praticaram outra modalidade esportiva exclusiva.

A maioria dos avaliados participaram de competições ao nível local e estadual (66,6%) e, outro fator a ser evidenciado,

Não se encontrou diferenças estatisticamente significativas para o nível de coordenação com bola frente a distintos tempos de prática (tabela 2).

Vale justificar que a divisão do tempo de prática em até 3 anos e 11 meses e a partir de 4 anos de prática, foi estabelecida a fim de manter a proporção da amostral nos grupos.

Tabela 2 - Média, desvio padrão e comparação do desempenho das tarefas do TCMB considerando o tempo de prática.

Tarefas	Local de prática	Média	Dp	p
Tarefa 1 Mão - Transportando a bola	até 3 anos e 11 meses	18,99	4,74	0,814
	4 anos acima	19,39	2,85	
Tarefa 1 Pé - Transportando a bola	até 3 anos e 11 meses	18,07	4,24	0,956
	4 anos acima	17,99	1,31	
Tarefa 2 - Trave de equilíbrio	até 3 anos e 11 meses	12,45	2,93	0,841
	4 anos acima	12,67	2,39	
Tarefa 3 - Condução na linha	até 3 anos e 11 meses	27,76	4,30	0,150
	4 anos acima	25,48	2,57	
Tarefa 4 - Roda - roda Sentido horário	até 3 anos e 11 meses	8,48	2,29	0,773
	4 anos acima	8,25	1,11	
Tarefa 4 - Roda - roda Sentido anti-horário	até 3 anos e 11 meses	8,77	2,26	0,748
	4 anos acima	9,16	3,52	

Quanto aos resultados referentes a experiência competitiva (tabela 3) também não se encontrou diferenças estatisticamente significativas para o nível de coordenação com bola alcançado.

Vale ressaltar que, a quantidade e qualidade das competições não foram coletadas, fator limitante do estudo.

Tabela 3 - Média, desvio padrão e comparação do desempenho das tarefas do TCMB em relação a experiência competitiva.

Tarefas	Experiência competitiva	Média	Dp	p
Tarefa 1 - Mão - Transportando a bola	Competiu	19,34	4,43	0,512
	Nunca competiu	18,78	3,16	
Tarefa 1 - Pé - Transportando a bola	Competiu	18,38	3,84	0,307
	Nunca competiu	17,34	1,76	
Tarefa 2 - Trave de equilíbrio	Competiu	12,83	2,99	0,106
	Nunca competiu	11,94	1,87	
Tarefa 3 - Condução na linha	Competiu	26,92	4,30	0,052
	Nunca competiu	26,57	2,72	
Tarefa 4 - Roda - roda Sentido horário	Competiu	8,38	2,11	0,609
	Nunca competiu	8,37	1,33	
Tarefa 4 - Roda - roda Sentido anti-horário	Competiu	9,21	3,19	0,085
	Nunca competiu	8,37	1,75	

Legenda: *valor de $p \leq 0,05$.

Na tabela 4 observa-se os resultados referentes ao nível de coordenação motora com bola e o local de prática (escolinha franquada e associação de bairro). Os

resultados das tarefas que compõem o TCMB foram verificados pelo tempo (segundos) dos avaliados em ambos os grupos.

Tabela 4 - Média, desvio padrão e comparação do desempenho das tarefas do TCMB entre os participantes das escolinhas franquadas e associação de bairro.

Tarefas	Local de prática	Média	Dp	p
Tarefa 1- Mão - Transportando a bola	Escolinha franquada	21,77	5,40	0,003*
	Associação de bairro	17,58	1,57	
Tarefa 1 – Pé - Transportando a bola	Escolinha franquada	20,28	4,18	0,031*
	Associação de bairro	16,69	1,61	
Tarefa 2 - Trave de equilíbrio	Escolinha franquada	13,17	2,35	0,754
	Associação de bairro	12,16	2,84	
Tarefa 3 - Condução na linha	Escolinha franquada	25,50	2,00	0,006*
	Associação de bairro	27,59	4,41	
Tarefa 4 - Roda - roda Sentido horário	Escolinha franquada	9,33	2,30	0,294
	Associação de bairro	7,80	2,39	
Tarefa 4 - Roda - roda Sentido anti-horário	Escolinha franquada	10,33	3,08	0,255
	Associação de bairro	8,09	2,30	

Legenda: *valor de $p \leq 0,05$.

Evidenciou-se superioridade significativa dos escores nas tarefas 1 transportando a bola com a mão ($p=0,003$) e com o pé ($p=0,031$) alcançados pelos praticantes de associação de bairro quando comparados aos de escolinha franqueada.

Na tarefa 3, condução na linha, encontrou-se diferença estatisticamente significativa entre os tempos, no qual os praticantes de escolinha franqueada obtiveram melhor desempenho coordenativo ($p=0,006$).

Para as demais tarefas, trave de equilíbrio e roda-roda sentido horário e anti-horário, os praticantes de futebol da associação de bairro apresentaram menores tempos médios, entretanto estes resultados não foram estatisticamente significativos.

DISCUSSÃO

Considerando o objetivo do estudo que foi comparar o nível de coordenação motora com bola de praticantes de futebol de distintos locais de prática, considerando o tempo de prática e a experiência competitiva, a partir dos dados apresentados evidenciou-se que o tempo de prática e a experiência competitiva são fatores que não interferiram no nível de coordenação com bola.

Cabe evidenciar o alto quantitativo (41,6%) desses jovens com idade entre 10 e 12 com um longo período de prática, de quatro anos ou mais, no futebol, o que caracteriza a situação de especialização precoce.

Greco e colaboradores, (2020) condenam veementemente este tipo de exposição, e sugerem que nessa fase do desenvolvimento, chamada de Fase Universal 3, o indivíduo deve experimentar várias práticas objetivando sua formação ampla e geral, evitando possíveis limitações de seu repertório motor.

No tocante a comparação entre os distintos locais, os praticantes de futebol da associação de bairro obtiveram melhor nível coordenativo na habilidade de transportar a bola com pé e com mão.

Por outro lado, os praticantes da escolinha de futebol franquiada obtiveram melhor nível coordenativo na habilidade de condução de bola em linha.

Côté e colaboradores, (2007) e Costa e colaboradores, (2010) afirmam que a qualidade da prática se apresenta como importante variável para a melhora no desempenho.

Além disso, o controle do treinamento por meio de avaliações pode elucidar e munir o treinador com informações bem detalhadas para que se proceda a ajustes na aplicação dos conteúdos esportivos.

Neste estudo, percebeu-se que determinadas habilidades necessitam de maior ou menor atenção no contexto do treino e, como é de notório saber, elas necessitam de amparo/estímulo de atividades coordenativas para que os praticantes atinjam melhores desempenhos.

Mazzardo e colaboradores, (2020), comprovaram essa relação entre a prática de atividades coordenativas e a melhoria do nível das habilidades específicas no handebol em seu estudo de intervenção como escolares com média de idade de $14,3 \pm 0,46$ anos.

Outros locais e as práticas que se realiza neles também são necessários para estimular a melhoria da coordenação motora.

Silva e Zampier (2018) apontam que as aulas de educação física escolar contribuem para que os demais projetos esportivos ampliem o alcance do desenvolvimento das capacidades, pois as experiências motoras dos alunos não são ofertadas e estimuladas somente em escolinhas esportivas.

Apesar disso, Ferreira, Bim e Pereira (2012) identificaram que o tipo de ambiente domiciliar (casa ou apartamento) não influencia o desempenho coordenativo, comprovando que o ambiente domiciliar não é preditor de níveis elevados de desenvolvimento motor, mas sim os estímulos propostos nestes ambientes.

A partir dos achados do presente estudo pode ser que a isenção de estímulos específicos que deveriam ser ofertados pelos treinadores aos praticantes reflita a distinção dos resultados para a especificidade das habilidades mensuradas.

A sistematização e a qualidade da prática propostas podem não incentivar a melhoria da capacidade coordenativa individual, que, segundo Aburachid e colaboradores, (2015), é uma variável substancial para o desenvolvimento integral do aluno, embora tenham sido notados tempos de prática relevantes na modalidade.

Apesar de o tempo de prática esportivo ser apontado como potencializador das capacidades físicas (Cedin e colaboradores, 2018), coordenativas (Abreu, Zacaron, 2014; Holfmam, Fonseca, 2017), técnicas (Soares e colaboradores, 2016) e

táticas (Giacomini, Silva Greco, 2011; Greco, Matias, 2013; Moreira e colaboradores, 2014), os resultados do presente estudo contrapõem estas afirmações.

Por outro lado, os achados do estudo corroboram o estudo de Aburachid e colaboradores, (2015), que, ao verificar o nível de coordenação motora, por meio do Teste de Coordenação Motora KTK de 22 sujeitos, do sexo masculino, com idade entre 10 a 13 anos, praticantes de futsal, concluíram que não houve diferença significativa entre o grupo com até dois anos de prática e o grupo com dois anos de prática em diante.

No handebol, Amaral e colaboradores, (2018) analisaram o nível de conhecimento tático declarativo de 119 jogadores de ambos os sexos, considerando o tempo de prática na modalidade e não encontram diferenças significativas entre o grupo de um a seis anos e onze meses e o grupo de sete anos em diante.

A equidade do nível de coordenação motora com bola entre os praticantes com distintos tempos de prática pode estar relacionada ao fato de que os treinamentos dos jogadores que nunca competiram contenham situações reais de jogo, o que segundo Costa e colaboradores, (2010), proporcionam, tanto na fase do alto rendimento quanto na formação de atletas, vivências presentes nas competições nas dimensões tática, técnica, psicológica e fisiológica, mesmo que seja durante os treinamentos.

CONCLUSÃO

Nesta investigação, realizada com praticantes de futebol com idade entre 10 e 12 ano, conclui-se que o tempo de prática e a experiência competitiva são fatores que não interferem no nível de coordenação motora com bola.

Ao considerar os locais de prática, os praticantes de futebol da associação de bairro obtiveram melhor nível coordenativo na habilidade de transportar a bola com pé e com mão.

Por outro lado, os praticantes da escolinha de futebol franquada obtiveram melhor nível coordenativo na habilidade de condução de bola em linha.

Tais resultados apontam indicadores que podem ser utilizados pelos treinadores como forma de controle para buscar adequações dos conteúdos aplicados ao longo

do processo de ensino-aprendizagem, principalmente visando a estimulação da coordenação motora específica, nesse momento, direcionada a atividades com o pé e o uso de bolas.

Independentemente do local de prática, faz-se necessário identificar os níveis de coordenação motora com bola, e nesse estudo, percebeu-se que os praticantes apresentaram similaridade da medida nas habilidades sobre a trave de equilíbrio e passe e recepção na tarefa roda-rodinha.

Um importante fator para o bom desenvolvimento dos atletas em ambos os locais de prática é a organização sistemática dos conteúdos conforme a necessidade dos indivíduos.

Portanto, recomenda-se que as escolinhas de futebol apliquem, para faixa etária do estudo, propostas metodológicas de ensino que enfatizam o desenvolvimento da técnica por meio de exercícios coordenativos e de jogos (Kroger, Roth, 200), distanciando-se de metodologias tradicionais, centradas somente no ensino da técnica, que ainda são frequentemente aplicadas em diversas escolinhas de esportes e clubes.

Sugere-se que mais estudos sobre o tema sejam desenvolvidos especificamente no futebol, aplicados a diferentes faixas etárias, sexo, análise aprofundada da metodologia de ensino ofertada, e com categorização das aulas/treinamentos para que se proceda a uma análise mais detalhada do processo de ensino-aprendizagem-treinamento nessa modalidade.

REFERÊNCIAS

- 1-Abreu, F. T.; Zaccaron, D. Coordenação motora em crianças de 8 a 10 anos participantes de diferentes programas de iniciação esportiva. In: II Congresso de Pesquisa e Extensão da FSG. Vol. 2. Núm. 2. 2014.
- 2-Aburachid, L. M. C.; Silva, S. R.; Claro, J. Do N.; Greco, P. J. O Nível de Coordenação Motora após um Programa de Treino em Futsal. Revista Brasileira de Futsal e Futebol. São Paulo. Vol. 7. Núm. 23. p.25-34. 2015.
- 3-Amaral, S. G.; Greco, P. J.; Monteiro, G. N.; Mazzardo, T.; Araújo, N D.; Aburachid, L. M. C. Tactical knowledge of handball players considering time of practice and competition. Revista Brasileira de Cineantropometria e

Desempenho Humano. Vol. 20. Núm. 3. p. 309-317. 2018.

4-Borges, P. H.; Avelar, A.; Rinaldi, W. Conhecimento tático processual, desempenho físico e nível de maturidade somática em jovens jogadores de futebol. *Revista Brasileira de Ciência e Movimento*. Vol. 23. Núm. 3. p. 88-96. 2015.

5-Borin, J. P.; Oliveira, R. S.; Campos, M. G.; Creato, C. R.; Padovani, C. R. P.; Padovani, C. R. Avaliação dos efeitos do treinamento no período preparatório em atletas profissionais de futebol. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*. Vol. 33. Núm. 1. p. 219-233. 2011.

6-Brasil. Ministério do Esporte. *Diesporte: diagnóstico nacional do esporte*. Brasília: Ministério do Esporte. 2015. 44 p. (Caderno 1).

7-Pereira de Castro, T.; Pérez Morales, J. C.; Ribas da Silva, S.; Greco, P. J. Coordenação com bola e conhecimento tático processual de crianças praticantes de futsal. *Corpoconsciência*. Vol. 21. Núm. 2. p.52-66. 2017.

8-Cedin, L.; Trindade, S. B. S.; Fonseca, C. L.; Peixoto, B. O.; Kamonsek, D. H. Relação do tempo de prática do futebol e da performance funcional de membros inferiores em crianças e adolescentes. *Revista Brasileira de Prescrição e Fisiologia do Exercício*. São Paulo. Vol. 12. Núm. 76. p. 534-540. 2018.

9-Côté, J.; Baker, J.; Abernethy, B. Practice and play in the development of sport expertise. In: Tenenbaum, G.; Eklund, R. C. (Eds.). *Handbook of Psychology*. 3ª edição. 2007. p. 184-202.

10-Costa, I.; Greco, P.; Garganta, J.; Costa, V.; Mesquita, I. Ensino-aprendizagem e treinamento dos comportamentos tático-técnicos no futebol. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*. Vol. 9. Núm. 2. p. 41-61. 2010.

11-Ferreira, A. C. M.; Bim R. H.; Pereira V. R. Influência do tipo de ambiente domiciliar na coordenação motora de crianças. *Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte*. Vol. 11. Núm. 2. 2012. p. 140-150.

12-Freire, J. B. *Pedagogia do futebol*. 2ª edição. Campinas. Autores Associados. 2006.

13-Gallahue, D.; Ozmun, J.; Goodway, J. Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos. Porto Alegre. AMGH. 2013.

14-Giacomini, D. S.; Silva, E. G.; Greco, P. J. Comparação do conhecimento tático declarativo de jogadores de futebol de diferentes categorias e posições. *Rev. Bras. Ciênc. Esporte*. Vol. 33. Núm. 2. p.445-463. 2011.

15-Greco, J. P.; Matias, C. The tactical declarative knowledge of the volleyball champions setters. *Motriz*. Vol. 19. Núm. 1. p. 184-194. 2013.

16-Greco, J. P.; Praça, G. M.; Morales, J. C. P.; Aburachid, L. M. C. Incidental vs. Intencional: Que metodologias de ensino-aprendizagem-treinamento facilitam o desenvolvimento do talento esportivo. In Werneck, F. Z.; Coelho, E. F.; Ferreira, R. M. (org.). *Manual do jovem atleta: da escola ao alto rendimento*. Curitiba. CRV. 2020. p. 299-316.

17-Hoeboer, J.; Vries De, S.; Krijger-Hombergen, M.; Wormhoudt, R.; Drent, A.; Krabbend, K.; Savelsbergh, G. Validity of an athletic skills track among 6 to 12 years old children. *Journal of sports sciences*. Vol. 34. Núm. 21. p.1-11. 2016.

18-Holmam, N. B.; Fonseca, G. M. M. Nível de coordenação motora com bola dos jovens Praticantes de voleibol. *Biomotriz*. Vol. 11. Núm. 1. p. 4-16. 2017.

19-Kroger, C.; Roth, K. *Escola da bola: um abc para iniciantes nos jogos esportivos*. São Paulo. Phorte. 2002.

20-Mazzardo, T.; Monteiro, G. N.; Silva, W. J. B. Da; Araújo, N. D.; Silva, S. R.; Aburachid, L. M. C. TGFU e a coordenação motora: os efeitos de um programa de ensino no desempenho tático-técnico no handebol. *Journal of Physical Education*. Vol. 31. Núm. 1. p. e-3169. 2020.

21-Moreira, P. D.; Soares, V. O. V.; Gibson, P. M.; Cristino, M. S. A. J.; Greco, P. J. Conhecimento tático declarativo em jogadores de futebol sub-14 e sub-15. *Rev Kinesis*. Vol. 32. Núm. 2. p. 87- 99. 2014.

22-Neto, A. T.; Neto, A. T.; Abreu, C.; Liberali, R.; Almeida, R. Análise da coordenação motora de uma equipe sub-11 de futebol de campo em Florianópolis. *Revista Brasileira de Futsal e Futebol*. São Paulo. Vol. 2. Núm. 4. p.7-13. 2010.

23-Praça, G. M.; Bredt, S. G.T.; Torres, J. O.; Custódio I. J. O.; Andrade, A. G. P.; Morales, J. C. P.; Chagas, M. H.; Greco, P. J. Influence of Numerical Superiority and Players? Tactical Knowledge on Perceived Exertion and Physical and Physiological Demands in Soccer Small-Sided Games. *Revista de Psicologia del Deporte*. Vol. 27. p. 29-36. 2018.

24-Pires, N. C. M.; Arantes, E.C.; Silva, W. V.; Kato, H. T. Diferenças e semelhanças nos métodos de amostragem de pesquisas top of mind: um estudo comparativo. *Review of Business Management*. Vol. 8. Núm. 22. p. 37-45. 2006.

25-Ribas, S.; Aburachid, L. M. C.; Morales, J. C. P.; Monteiro, G. N.; Praça, G. M.; Castro, H. O.; Greco, P. J. Content validity evidence in the motor coordination test with Ball. *Rev Bras Cineantropom Desempenho Hum*. Vol. 22. p.e72376. 2020.

26-Silva, D. A. S.; Souto, M. D.; Oliveira, A. C. C. Lesões em Atletas Profissionais e Futebol e Fatores Associados. *EFDeportes.com. Revista Digital*. Ano 13. Núm. 128. 2008.

27-Silva, J. V. O.; Moreira, P. E. D.; Praça, G. M.; Morales, J. C. P.; Greco, P. J. Relação entre experiência e conhecimento tático processual em jovens jogadores de futebol. *Revista Kinesis*. Vol. 36. Núm.1. p.84-93. 2018.

28-Silva, M. V.; Praça, G. M.; Torres, C. G.; Greco, P. J. Comportamento tático individual de atletas de futebol em situações de pequenos jogos. *R. Min. Educ. Fís. Edição Especial*. Núm. 9. p. 676-683. 2013.

29-Silva, T.; Ribeiro, F.; Venâncio, J. Comparação da performance funcional do membro inferior entre jovens futebolistas e jovens não treinados. *Fisioter. Mov*. Vol. 23. Núm. 1. p.105-112. 2010.

30-Silva, S. A.; Zampier, J. E. L. C. Efeito da prática esportiva sistematizada no

desempenho coordenativo com bola de escolares. *R. bras. Ci. e Mov*. Vol. 26. Núm. 3. p.134-140. 2018.

31-Soares, V.O.V.; Rodrigues, V.A.O.; Praça, G.M.; Matias, C.J.A.S.; Greco, P.J. Desempenho técnico de jogadores de futebol nos escalões sub-14 e sub-15. *Corpus et Scientia*. Vol. 11. Núm. 1. p. 47-54. 2015.

32-Vogt, R. A. D.; Sartori, R. F.; Noll, M. Processo de tomada de decisão nos jogos motores. *EFDeportes.com. Revista Digital*. Ano 15. Núm.153. 2011.

33-Zanini, D.; Kuipers, A.; Somensi, I. V.; Pasqualotto, J. F.; Quevedo, J. G.; Teo, J. C.; Antes, D. L. Relationship between body composition and physical capacities in junior soccer players. *Rev Bras Cineantropom Desempenho Hum*. Vol. 22. p. e60769. 2020.

Autor correspondente:

Willian José Bordin da Silva

willian_bordim@hotmail.com

Faculdade Centro Mato-grossense.

Rua Rui Barbosa, 380.

Centro, Sorriso, Mato Grosso, Brasil.

CEP: 78890-000.

Recebido para publicação em 05/01/2021

Aceito em 11/03/2021